

LINGUAGEM, INTERAÇÃO E ENSINO/APRENDIZAGEM

LANGUAGE, INTERACTION AND TEACHING/LEARNING PROCESSES

Victoria Wilson da Costa Coelho¹, Carolina Scalli Abrita ¹ Gysele da Silva Colombo Gomes¹

¹ Universidade do estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
vicwilsoncc@gmail.com, carolabritta30@gmail.com, gysacolombo@gmail.com

Não seria nenhum fato inusitado iniciar a apresentação de um dossiê com alusões aos trabalhos de nosso grande filósofo contemporâneo, Paulo Freire. Contudo, insistimos em ecoar a voz de nosso ilustre mestre e desvelamos o caráter político-pedagógico da organização deste dossiê. Assim como Freire, acreditamos não ser possível isolar o trabalho de indivíduos, particularmente aqueles que exigem trabalhar criticamente rumo ao estabelecimento de uma democracia por meio do discurso. Surge assim o presente número da Pensares em Revista, no qual destacamos estudos interdisciplinares apoiados na Linguística, na Sociolinguística Interacional, na Literatura e na Linguística Aplicada.

Cecília Maria Aldigueri Goulart e Maria Aparecida Lapa de Aguiar abrem o dossiê com **Relatos de sala de aula: análise em busca de compreensão da perspectiva discursiva de alfabetização** para nos fazerem lembrar, hoje e sempre, que só é possível a vida em diálogo, ou melhor, que só há vida no diálogo. A partir de registros de aulas realizados por uma professora alfabetizadora da rede pública de ensino do Rio de Janeiro/RJ, o artigo está fundamentado na perspectiva discursiva de raiz bakhtiniana. As autoras assumem uma concepção de linguagem como constitutiva das interações humanas, concepção esta que se estende para o ensinar e o aprender no contexto escolar. Compreendida como momento-espaco dialógico, a escola é povoada de vozes historicamente situadas, neste tempo, e, em outro Tempo, e destinada à criação de “possibilidades metodológicas que façam sentido para a criança, ou seja, que ocorram em diálogo com o movimento da vida.” Os relatos, analisados de modo acurado pelas autoras, mostraram o quanto a escuta sensível da professora, as interações estabelecidas em sala e os movimentos das crianças em seu processo de construção de conhecimento foram moldando e aperfeiçoando o trabalho da professora em respeito às singularidades “fazendo emergir sentidos no processo de ensino e aprendizagem da escrita para si e para o outro na relação escola-contexto social”.

Desalinhos caixas: Identidades tradicionais em xeque na (tentativa de) construção de um projeto de educação diferenciada, de Jacqueline Teixeira e Liana Biar, levam o leitor a se indagar a respeito das identidades tradicionais e suas (des)construções, colocando, de fato, em xeque, as nossas próprias identidades - urbanizadas, ocidentalizadas, “esbranquiçadas” quando em relação, em diálogo com elas. O incômodo, a surpresa e os desacertos estão postos na voz das pesquisadoras cujo olhar microetnográfico – apurado, sensível, criativo e ousado –, para as comunidades indígenas, suas histórias e sua complexidade identitária, foi se revelando à medida em que as experiências eram construídas e reconstruídas nas interações. Desse modo, a leitura do artigo provoca o leitor ao mesmo tempo em que traduz o incômodo, os desajustes e desalinhos vividos “– entre a tradição e a modernidade –, diante da insurgente necessidade de (re)adaptações a novas maneiras de sobrevivência no território” dessas comunidades. Abrir-se para a “(des)aprendizagem” deslocou convicções e estereótipos, novas formas de letramento, revelando, pessoas e lideranças que “já se sabem colonizadas”, segundo as autoras, e que “se movem com cautela entre o desejo de aderir às mudanças da modernidade e a necessidade de garantir seus direitos como povo tradicional”, simultaneamente em que revelou novas formas de se lidar com o conhecimento e eventos de letramento.

Guilherme Gonçalves de Freitas e José Quaresma de Figueiredo, em **O processo de colaboração na produção de textos em escrita das línguas de sinais (Elis): um estudo sobre as interações entre alunos surdos**, mostram ao leitor um estudo qualitativo realizado com dados obtidos por meio de entrevistas, filmagens, questionários e textos dos participantes - alunos surdos do curso de graduação em Letras/Libras da Universidade Federal de Goiás. Através de suas análises, vemos como o processo de interação entre alunos surdos é extremamente relevante para a sua produção escrita. Os autores apontam para o uso de estratégia de colaboração, estimulada por produção coletiva de textos, como método capaz de viabilizar um aprendizado conjunto que se mostrou extremamente relevante para as práticas escritas locais. Assim, a pesquisa traz importantes reflexões sobre o ensino de escrita de sinais dentro da perspectiva da aprendizagem colaborativa nos espaços educacionais no Brasil, ao mostrar que “a mediação entre os participantes,

ao dialogarem sobre a escrita das línguas de sinais (ELiS), possibilitou-lhes aprender uns com os outros e a refletir sobre a forma correta para escrita do sinal em Libras/ELiS, feito que não ocorreu quando produziram seus textos individualmente”.

Com grande sensibilidade e maestria, em **A hora, a vez, e a voz das margens**, Beatriz dos Santos Damasceno aborda o lugar de fala, conceito amplamente discutido nas mais diversas áreas cognoscentes, pelo prisma da literatura. Seu texto aborda a trajetória das personagens marginais e marginalizadas da literatura, contribuindo dessa forma para a desestabilização dos discursos sempre dominantes. A autora promove reflexões acerca da importância da autonomia das minorias no contexto literário traçando um percurso que se inicia por obras que marcam personagens de margem. Dessa forma, somos desafiados a revisitar conceitos, leituras e significações que nos são impostos e, conseqüentemente, isso nos permite acreditar que as vozes plurais são a nossa cultura.

O sofrimento também ganhou espaço de reflexão em pesquisa qualitativa e etnográfica a partir de narrativas orais de três professoras de inglês em um curso de formação continuada. Em **O peso do sofrimento pedagógico em episódios e histórias de vida**, Gysele da Silva Colombo Gomes aborda o sofrimento profissional a fim de promover condições de identificar problemas ou injustiças e gerar entendimentos para se lidar com esse sentimento que emerge na fala das profissionais e que representam as dificuldades enfrentadas por professores, não só os de língua inglesa, mas os das mais diversas áreas. Trazer à tona a conscientização do sofrimento profissional, diz a autora, “é um desafio para obtermos justiça social para aprendizes e professores”. E é por meio e com as narrativas que Gysele Colombo Gomes analisa, alicerçada na Formação de Professores para Justiça Social associada à Prática Exploratória, delicada e detalhadamente, indícios, sinais e fontes de sofrimento vividas pelas professoras em suas salas de aula em interação com os alunos. O estudo não tem a pretensão de ser generalizante, mas aponta para causas do sofrimento profissional que devem ser pensadas, e tratadas criticamente, sobretudo, com foco para “a diminuição das desigualdades sutis, reforçadas não somente em cotidianos sociais, mas, também em instâncias superiores e governamentais.”

Em seu artigo **Práticas interativas na aula de língua materna: uma abordagem sócio-interacionista**, Linduarte Pereira Rodrigues e Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas, a partir da análise de dados orais de fala, em pesquisa etnográfica desenvolvida na rede pública de ensino do município de Pombal, Estado da Paraíba, nos mostram a importância da investida numa relação mais simétrica professor-aluno. Os autores defendem a valorização do direito de participação dos envolvidos na cena de sala de aula, como fator capaz de garantir a socialização e ampliar, na ecologia local, os processos de ensino/aprendizagem. O estudo foi realizado à luz da Sociolinguística Interacional e promove reflexões sobre as práticas interativas realizadas entre alunos e professores em formação continuada, pensadas a partir de uma concepção de linguagem que destaca a sua natureza social e interacional. Com isso, o artigo traz relevantes contribuições para se pensar a “dialética necessária para a efetivação do ensino-aprendizagem da linguagem na aula de língua materna”.

Na sequência, o dossiê traz dois importantes trabalhos acerca da temática proposta: um sobre gêneros discursivos e o outro sobre a multimodalidade. Com valiosas contribuições para se pensar a produção do jornal e de outros gêneros no âmbito escolar, Vanessa Wendhausen Lima, em **Jornal escolar: gênero e discurso no ensino fundamental**, ao adotar a perspectiva da Análise Crítica de Gênero, nos leva a pensar não só o gênero e a escola, mas nos permite ir além desses muros, para analisar a relação entre gênero e prática social em jornais produzidos por alunos de uma escola da rede pública estadual no município de Tubarão, em Santa Catarina. A autora nos mostra, através de sua pesquisa, que “um gênero produzido em sala de aula sofre a ação das crenças, histórias, valores e identidades dos indivíduos produtores”. Assim, “o professor deve estar atento não só àquilo que se realiza nas aulas, mas às influências extraescolares e sociais como um todo. O gênero é um exemplo de como a estrutura e a prática social influenciam indivíduos, mesmo produções textuais escolares”.

No artigo **Multimodalidade e ensino de leitura em língua inglesa: ações de um professor de escola pública com o uso de imagens**, Robson Henrique Antunes de Oliveira e Maria Zenaide Valdivino da Silva têm como proposta refletir sobre o ensino de língua inglesa em uma turma do Ensino Médio de uma escola pública do município de Tenente Ananias, no Estado do Rio Grande do Norte. No

estudo, a perspectiva multimodal da linguagem nas atividades de leitura, com foco nos recursos visuais do texto é ancorada nos estudos da multimodalidade, na pedagogia dos multiletramentos pelo Grupo de Nova Londres (1996) e na teoria do letramento visual/multimodal crítico. Os autores buscam destacar a importância de o professor trabalhar textos multimodais em sala de aula e propõem que a prática de ensino vá além de questões verbais do código escrito e da exploração dos significados dos textos visuais.

A seção Varia apresenta quatro artigos agrupados em dois blocos. No primeiro bloco, os textos abordam, por diferentes ângulos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino fundamental, em vigor desde dezembro de 2017. No segundo, os artigos discutem questões ligadas às culturas surdas.

Em **Pensando as margens: currículo e saberes locais na base nacional comum curricular**, Marcia Lisbôa Costa de Oliveira e Lúcia Helena Abreu Eletério discutem criticamente os fundamentos legais, o processo de elaboração e alguns conceitos destacados na BNCC, como introdução a um estudo de caso realizado com um grupo de docentes de uma escola pública da rede municipal de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro. As autoras defendem que a elaboração coletiva do currículo local, conforme previsto no documento citado, poderia funcionar como uma estratégia de resistência à padronização. No entanto, os resultados do estudo indicam que o grupo investigado não desenvolveu conhecimentos necessários a uma participação mais qualitativa na elaboração da parte diversificada do currículo local. Assim, a partir desse micro estudo, Oliveira e Eletério identificam o risco de reforço das desigualdades educacionais devido ao silenciamento dos saberes locais e fazem um importante alerta com relação ao esvaziamento da participação das comunidades escolares na elaboração do documento local.

Liliana Patricia Marlés Valencia e Luciano de Jesus Gonçalves, no artigo **A Tradução como estratégia para o ensino integrado de língua espanhola e literatura brasileira**, discutem acerca da tradução como estratégia de ensino integrado de língua espanhola e literatura brasileira, a partir do trabalho com a crônica “Feia demais”, do escritor Nelson Rodrigues. Ao fazer o recorte de análise da crônica, os autores encaminham o leitor para refletirem sobre as ações didáticas do professor da educação básica, que poderá “avaliar, discutir e ressemantizar os materiais didáticos que chegarão ao alvo final”, de maneira que tanto a língua

portuguesa quanto a língua espanhola são beneficiadas. A proposta é de grande valia, pois os estudantes tornam-se protagonistas e são convidados “a avaliar o conceito de fidelidade textual dentro do território da criatividade e da liberdade de serem, eles mesmos, coautores de um texto do qual se apropriam”. O texto defende o ensino de língua espanhola, trazendo à baila os marcos legais que fundamentam tal defesa como a LDB e tece críticas em relação ao documento da Base Nacional Curricular, que desconsidera o espanhol, ignorando a relevância desta língua no cenário cultural, político e econômico brasileiro.

No segundo bloco da seção Varia, o artigo **Literatura surda e a questão do essencialismo: o nascimento de uma tradição**, de Luiz Claudio da Costa Carvalho, problematiza a concepção de “Literatura Surda” em uma chave multicultural e transdisciplinar. Como afirma o autor, essa expressão é tomada pela “comunidade surda” como um aspecto indiscutível de sua cultura, estando relacionada a uma visão do sujeito surdo marcada pela afirmação da diferença. Tomando por base conceitos advindos de diferentes campos do conhecimento, essa afirmação é, sem dúvidas, importante como estratégia de afirmação de um grupo minoritário, mas também gera o risco da criação de “corpos dóceis institucionalizados, sob o controle de uma burocracia científica”. Assim, para discutir a complexidade da definição de literatura surda, faz uma leitura metacrítica das discussões teóricas sobre a “Literatura Surda” desenvolvidas por Lodenir Becker Karnopp. Carvalho demonstra que as concepções expressas por essa importante pesquisadora da área dos “estudos surdos” estão marcadas por uma perspectiva naturalizante-essencializante e compreensão binária de Cultura Surda, por oposição a uma “cultura ouvinte” e refletem uma visão mítica da “pureza étnica” dos surdos. Trata-se de um texto profundo e polêmico que discute temas sensíveis do discurso sobre a surdez, provocando reflexões sobre identidade, cultura, literatura e arte, sem adjetivos.

Ainda no segundo bloco da Varia e fechando o volume, Luciane Ferreira Bomfim, Claudia Paranhos de Jesus Portela e Dídima Maria de Mello Andrade, no artigo **A formação de professores de língua portuguesa como L2 para surdos: saberes-fazer da prática docente**, apresentam um projeto de formação docente realizado no município de São Francisco do Conde, no Estado da Bahia, com professores de escolas de surdos. As autoras destacam que a formação de professores que

trabalham com surdos é fundamental para a ressignificação das suas práticas pedagógicas, considerando que o ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos deve envolver metodologias diferentes das que são praticadas com alunos ouvintes. O artigo pretende “acrescentar outras discussões aos trabalhos já publicados sobre a temática da formação inicial de professores para o ensino da Língua Portuguesa como L2, considerando que há pouco material disponível para esse tipo de ensino”.

Reunindo pesquisas desenvolvidas em vários Estados do país – Santa Catarina, Rio de Janeiro, Goiás, Paraíba, Bahia, Rio Grande do Norte –, os artigos presentes neste número 14 da *Pensares em Revista* resultam de pesquisas acadêmicas interdisciplinares relevantes para a área multi, trans e até mesmo indisciplinar do Ensino. As experiências profissionais que se revelaram nas escritas dos autores expressam, sem dúvida, a consolidação de conhecimentos, testados e experimentados e transformados em novas formas de conhecimento e linguagem fazendo jus aos objetivos e aos fundamentos do que entendemos ser o papel das revistas científicas e da universidade. Um universo inesgotável de conhecimentos plurais, de certa forma, se interconectam nos artigos, seja pela temática, seja pelos objetivos, seja pelo olhar, seja pelas discussões e, certamente, contribuem para a reflexão crítica, para o diálogo e a pluralidade, e, sobretudo, para o acolhimento das diferenças, pois são essas que nos unem, nos integram e nos constituem.

Sobre as organizadoras

Victoria Wilson da Costa Coelho

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1981), mestrado em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal Fluminense (1986) e doutorado em Letras (Linguística) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000). Concluiu pós-doutoramento na Universidade Federal Fluminense (2009). Professora associada de Linguística na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua no PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras) e no PPLIN (Programa de Mestrado em Letras e Linguística). Participa do grupo de pesquisa Linguagem, Cultura e Práticas educativas da Universidade Federal Fluminense; é líder do grupo de pesquisa Linguagem & Sociedade.

Carolina Scalli Abrita

Possui graduação em Direito (2003) e em Letras (2004), mestrado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2007) e doutorado, nesta mesma área, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2011). Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando na graduação em Letras e no Programa de Mestrado Profissional em Letras da Faculdade de Formação de Professores. Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem e Sociedade; (FFP/UERJ-CNPq).

Gysele da Silva Colombo Gomes

Possui graduação em Letras Português- Inglês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990), mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e é doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2014). Professora adjunta da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). É pesquisadora no grupo de pesquisa Linguagem & Sociedade, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, também, membro e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Prática Exploratória da FFP - UERJ.